



Sayão: não viu sua obra

Para construir a nova Capital, Juscelino contou com a decisiva colaboração dos goianos. Em termos oficiais, foi o governo do Estado de Goiás quem deu o suporte legal inicial para a obra, elaborando leis de desapropriação de terras e garantindo a demarcação do terreno escolhido para a futura sede do Distrito Federal.

Mesmo na oposição udenista, JK tinha aliados em Goiás. Foram esses deputados que não permitiram que o projeto de lei autorizando o início da construção ficasse dormindo em gavetas de parlamentares que se opunham de todas as formas ao programa de governo do presidente, à sua Metasíntese.

Depois, com os trabalhos já iniciados, foram os goianos os primeiros a integrarem-se no esforço construtor. Goiás havia passado muitos anos isolado do restante do país. Aquela era uma oportunidade importantíssima para romper o isolamento e atingir o desenvolvimento econômico esperado pela comunidade. Brasília era a materialização de um sonho goiano.

Foi justamente entre os goianos que Juscelino encontrou a figura de Bernardo Sayão, na época vice-governador do Estado, que desde o primeiro momento integrou-se ao projeto, abrindo mão do conforto que sua cidade e sua casa lhe ofereciam para embrenhar-se no cerrado, abrir estradas, animar o espírito de quantos chegavam ao pó vermelho da região, com a esperança de obter trabalho. Alto, com quase dois metros, com corpo de gigante, vestido de branco, botas altas e um vasto chapéu, Sayão era o novo bandeirante que Juscelino precisava para executar suas ideias.

E foi essa a imagem que ele deixou, em quatro anos de trabalho intenso, sem descanso nem conforto. Foi ele quem comandou a primeira frente de trabalho, que saiu de Goiânia, pelo meio do cerrado, com destino ao sítio Castanho, local escolhido para o erguimento da nova cidade. Atendendo a um pedido de Juscelino, aceitou transferir-se para o local da construção assim que as primeiras árvores caíram. Veio com a família, acampou inicialmente debaixo de uma árvore, armou sua barraca e aí ficou.

Dirigiu toda a fase de implantação das primeiras frentes de

Visão pioneira

trabalho de Brasília, trouxe pessoalmente máquinas, ferramentas, medicamentos e tudo o mais que a empreitada requeria. Sobretudo trouxe sua disposição para o trabalho e a alegria com que encarava as tarefas mais difíceis. Por um novo pedido de Juscelino, demarcou e construiu o primeiro aeroporto da cidade, onde o presidente desceu com seu DC-3, pregando um susto em sua comitiva, que nada sabia e imaginava que o acesso a Brasília seria feito de jipe, a partir de Planaltina.

Quando Brasília já era um imenso canteiro de obras, e a construção da cidade era tida como irreversível para o presidente e seus principais colaboradores, Juscelino decidiu atacar uma nova e ousada empresa: a construção da estrada Brasília-Belém. Uma frente de trabalho viria do Norte, outra sairia de Goiás, para encontrarem-se em plena selva, no ato de consolidação da estrada, considerada vital para o desenvolvimento brasileiro.

Para comandar a frente que sairia daqui, JK não pensou em outro nome: ele precisava mais uma vez do espírito de sacrifício de seu amigo bandeirante. Bernardo Sayão sequer discutiu o convite do presidente. Para ele os desejos de Juscelino eram ordens que precisavam ser cumpridas imediatamente. Foi o que fez.

Subiu em seu caminhão e enfrentou novamente o cerrado, rumo à floresta. Conhecedor da região e de seus problemas, havia iniciado anteriormente um projeto agropecuário na região de Ceres. Sabia que a estrada pensada por JK era correta, havia sentido pessoalmente as dificuldades de escoamento da produção naquela região do país. Por isso tratou de não perder tempo e dedicou-se à construção da estrada. Juscelino queria presidir a cerimônia do encontro entre as duas frentes de trabalho no dia 31 de janeiro de 1959. Os prazos de JK eram sempre curtos, mas possíveis de serem executados, se houvesse dedicação integral ao trabalho.

As dificuldades eram imensas. Além do problema da região, de acesso difícil, onde o trabalho inicial tinha que ser feito no rumo, não havia máquinas nem ferramentas adequadas para a abertura de uma estrada daquele porte. Eram dificuldades, não obstáculos. E com o que havia disponível foi empregado na abertura da rodovia,

enquanto o presidente determinava que um de seus assessores fosse comprar máquinas maiores nos Estados Unidos. Sem planos mais detalhados, sem máquinas adequadas ao tipo de tarefa proposta, só mesmo a determinação das pessoas faria progredir o projeto da Brasília-Belém. Foi assim que a importante estrada começou a ser aberta.

A maldição da floresta, no entanto, não deixou que Bernardo Sayão visse sua obra concluída. Dois anos depois de iniciar a tarefa, enfrentando dificuldades de toda ordem mas contando com máquinas melhores e maiores, ele encontrou a morte no meio da selva. Faltavam quinze dias para que as duas frentes de trabalho se encontrassem. A turma de Bernardo Sayão sofria privações de ordem alimentar. Não havia o que comer e ele mandara um recado desesperado ao Rio de Janeiro: mandem comida, senão as máquinas ficarão paradas e os prazos não serão cumpridos.

A mensagem chegou ao presidente, que determinou imediatamente o envio de socorro ao amigo. JK, em suas memórias, narra que o SOS de Sayão deixou-lhe muito preocupado. Ao meio-dia de 15 de janeiro de 1959, Bernardo Sayão conferenciava com seus principais auxiliares, em sua barraca de campanha. Um deles saiu por um momento. Então, um imenso jatobá desabou sobre a barraca. Os outros sofreram ferimentos leves, mas ele foi o mais atingido: o grosso caule da árvore destróçou-lhe todo o lado esquerdo de seu corpo, ferira-lhe a cabeça, cortara-lhe o braço e uma perna.

Mesmo ferido, o gigante ainda estava lucido. Determinou a um companheiro que lhe tirasse a bota da perna esquerda, reclamou da dor que sentia e deitou-se à espera de socorro. Um avião sobrevoava o local, jogando mantimentos para os trabalhadores. Os sinais foram feitos, mas o avião não desceu. Havia, porém, entendido o recado e, pouco depois, chegava um helicóptero para levar Sayão à cidade mais próxima. Ele viajou inconsciente e morreu antes de chegar ao povoado. Seu enterro ocorreu em Brasília, com a presença de Juscelino. Muito antes de morrer, quando abriu o local para o cemitério de Brasília, falou com piedade sobre o primeiro morto daquele local. Ninguém ousaria imaginar que caberia a ele inaugurar o Campo da Esperança.